

Jesus ressuscitou segundo os historiadores?

1. Flávio Josefo.

Γίνεται δὲ κατὰ τοῦτον τὸν χρόνον Ἰησοῦς σοφὸς ἀνὴρ, εἶγε ἄνδρα αὐτὸν λέγειν χρή: ἦν γὰρ παραδόξων ἔργων ποιητής, διδάσκαλος ἀνθρώπων τῶν ἡδονῆς τάληθῆ δεχομένων, καὶ πολλοὺς μὲν Ἰουδαίους, πολλοὺς δὲ καὶ τοῦ Ἑλληνικοῦ ἐπηγάγετο: **ὁ χριστὸς οὗτος ἦν**. καὶ αὐτὸν ἐνδείξει τῶν πρώτων ἀνδρῶν παρ ἡμῖν σταυρωῖ ἐπιτετιμηκότος Πιλάτου οὐκ ἐπαύσαντο οἱ τὸ πρῶτον ἀγαπήσαντες: ἐφάνη γὰρ αὐτοῖς τρίτην ἔχων ἡμέραν.¹

Sobre este tempo veio Jesus, um homem sábio, se é que é adequado chamá-lo de um homem. Era, pois um trabalhador de feitos incríveis, um mestre daqueles que aceitaram a verdade com prazer, e ele atraiu muitos judeus, assim como muitos dos gregos [caminho]. **Este era o Cristo**. E quando, em vista da [sua] denúncia pelos principais homens entre nós, Pilatos o havia condenado a uma cruz, aqueles que o amavam no início não cessaram [fazê-lo]. Ele apareceu a eles no terceiro dia.²

1.1. As deturpações por Orígenes.

Dois líderes famosos da igreja em particular, Orígenes (254 d.C) e Eusébio (340 d.C), citaram Josefo extensivamente em seus escritos e, assim, popularizaram suas obras nos círculos cristãos. No momento em que o poder central do império romano começava a vacilar, no final do século IV, o mundo tinha oficialmente abraçado o cristianismo. Era a igreja, com a sua própria infraestrutura, que iria renascer das cinzas do império para preservar a herança greco-romana. Assim, a ligação da igreja com Josefo garantiu-lhe um papel permanente na tradição ocidental.³

O parágrafo de Josefo sobre a pessoa de Jesus foi editada por copistas cristãos, mas a edição foi feita logo no início, por volta do ano 300. Por conseguinte, os leitores cristãos posteriores pensavam que o registro brilhante sobre Jesus nas obras de Josefo tinha sido escrito pelo próprio historiador judeu. Estas poucas referências foram vistas como testemunho fundamental independente para os fundamentos históricos da igreja.⁴

Os cristãos se reuniam em casas particulares, à noite, onde homens e mulheres se cumprimentavam com beijos. Todos os tipos de rumores circularam sobre o seu comportamento. Assim como os cristãos medievais acusaram os judeus de sacrificar crianças na Páscoa, de modo que os primeiros cristãos foram acusados de promiscuidade e canibalismo.⁵

¹Cf. Flavii Iosephi opera. B. Niese. Berlin. Weidmann. 1892.

² Cf. Flavius Josephus: *Antiguidade Judaica*, Livro 18. 63,64. tradução de Louis H. Feldman, The Loeb Classical Library.

³Cf. Mason, Steve: *Josephus and the New Testament*. Peabody, Mass: Hendrickson Publishers, 1992

⁴ Os primeiros autores romanos a mencionar os cristãos foram Plínio, o Jovem, Tácito, Suetônio e todos os que escreveram na segunda década do século II.

⁵ A referência mais antiga sobrevivente ao cristianismo por um romano vem na carta de Plínio a Trajano sobre os cristãos (10,96). Escrevendo em cerca de 111 d.C, Plínio assume que os cristãos praticavam o canibalismo e outros crimes. Uma descrição completa dos vícios atribuídos aos cristãos é dada pelo personagem Caecilius no Octavius de Minucius Felix, 10/08 (início do século III).

A fonte mais convincente das obras de Josefo para os primeiros cristãos era a sua descrição detalhada do cerco romano e a destruição de Jerusalém em 68-70 d.C. De todas as referências cristãs a de Josefo sobreviveu. A passagem mais citada de suas obras é a que descreve um ato horrível de canibalismo durante o cerco romano.⁶

Uma mulher chamada Maria, afirma ele, refugiou-se com seu filho ainda bebê em Jerusalém durante seus dias finais. Com fome devido à escassez de alimentos dentro da cidade sitiada, esta mulher comeu seu filho (*Guerra judaica* 6.201–213).

Orígenes, que ensinou no início do século II, incisivamente reafirmou o tema:

“Eu desafio qualquer um a provar a minha declaração falsa se eu disser que todo o povo judeu foi destruído por conta dos sofrimentos que eles infligiram a Jesus. Pois foi, creio eu, quarenta e dois anos a partir do momento em que crucificaram Jesus para a destruição de Jerusalém... eles cometeram o crime quando conspiraram contra o Salvador da humanidade, na cidade onde eles realizavam os ritos habituais que eram símbolos de profundos mistérios. Por isso, a cidade onde Jesus sofreu essas indignidades teve de ser totalmente destruída. A nação judaica tinha de ser derrubada, a convite de Deus a bem-aventurança foi transferida para outros, eu quero dizer aos cristãos, o qual veio o ensinamento sobre a adoração simples e puro de Deus” (Origen, *Contra Celsum* (trans. and ed. H. Chadwick; Cambridge: Cambridge University Press, 1965), 198–99).

Eusébio, um autor cristão do século III, fez o mesmo tipo de reivindicações em sua *História Eclesiástica*, que se tornou um documento extremamente influente para as gerações seguintes de cristãos. Falando da queda de Jerusalém em 70, ele afirma que os cristãos fugiram da cidade pelo seguinte comentário:

“o juízo de Deus pode finalmente alcançá-los por todos os seus crimes contra o Cristo e seus apóstolos, e toda aquela geração dos ímpios foram totalmente apagados dentre os homens” (*Eccl hist* 3.5.3, trans. K. Lake, LCL).

O destino de Jerusalém explica por que os autores cristãos tendem a ver os acontecimentos de 70 como uma destruição total ou quase total dos judeus, quando, na realidade, a maioria dos judeus vivia fora da região de Jerusalém no primeiro século. Havia grandes comunidades judaicas em Roma, Alexandria, Grécia, Ásia Menor, Babilônia e não foram fisicamente afetadas pelos acontecimentos de 70.⁷

⁶ In Heinz Schreckenberg, *Die Flavius-Josephus-Tradition in Antike und Mittelalter* (Leiden: E. J. Brill, 1972), 186–203, there is a list of known references to Josephus through the Middle Ages.

⁷ Cf. Albert A. Bell, Jr., “Josephus and Pseudo-Hegesippus,” *JJC*, 354.

1.2. Quais referências desse texto demonstram as deturpações nas obras de Josefo?

1. A palavra *χριστός* teriam significado especial apenas para um público judeu convertido ao cristianismo. Em grego, significa simplesmente “ungido.” No mundo judaico, este era um termo extremamente significativo porque a unção era o meio pelos quais os reis e sacerdotes de Israel eram oficializados. O derramamento de óleo sobre a cabeça representava a autoridade dada por Deus (Êx 29: 9; 1 Sm 10: 1). A palavra hebraica para “ungido” é *מָשִׁחַ*, e era usada no Antigo Testamento para reis e sacerdotes.

Pode se ver a perplexidade dos leitores de língua grega sobre este termo em suas descrições do cristianismo: Jesus esse nome era, por vezes, alterado para “Crestus,” um nome de escravo comum que faria mais sentido, e os cristãos eram chamados às vezes de “Crestians.”⁸

O que chama atenção é que Josefo não fez uso deste termo antes, o mesmo só faz novamente quando ele chama Tiago de “irmão de Jesus, o chamado Cristo” (*Ant.* 20.200). Só há um problema, a forma, “o chamado Cristo,” faz muito mais sentido, porque soa como um apelido. E era necessário entre os judeus do primeiro século, porque não havia um número relativamente pequeno de nomes próprios em circulação.

Sem falar que várias pessoas se chamavam Jesus (Josué), e também nas obras de Josefo há cerca de vinte e um indivíduos com este nome. Então não faria sentido para Josefo dizer, “Este homem o chamado ou apelidado de Cristo.”

Dizer que Jesus era o Cristo, ou Messias, é uma formulação peculiar. É duplamente suspeito, é claro, porque se sabe que os escritos de Josefo foram preservados e recopiados pelos cristãos, para quem Jesus era realmente o Cristo.

2. A evidência mais forte é que Josefo não declarou a messianidade de Jesus a passagem em discussão parece não ter estado presente nos textos das Antiguidades conhecidas antes do quarto século. Pois se sabe que alguns escritores e estudiosos cristãos dos séculos II e III que estavam familiarizados com os escritos de Josefo, os quais muitos deles estavam escrevendo para ajudar a legitimar a nova igreja, baseando-se em todos os meios de apoio disponíveis, se salienta que nenhum deles mencionou a crença de Josefo em Jesus.

3. O mais significativo, o mestre cristão renomado Orígenes (185-254) afirma categoricamente, em dois contextos diferentes, que Josefo não acreditava na messianidade de Jesus.⁹ Da mesma forma, em sua obra apologética, *Contra Celso*, ele dirige o leitor a própria defesa do judaísmo de Josefo, mas, em seguida, lamenta que ele “não acreditava em Jesus como o Cristo” (1.47). Orígenes conhecia muito bem os escritos de Josefo, pois ele cita com precisão a Guerra, Antiguidades e Contra Apion.

⁸ Suetonius, *Claudius* 25.4

⁹ Commentary on Matthew to Matt 10.17

Muito tempo depois de Eusébio, Jerônimo (342-420), o grande estudioso que traduziu a Bíblia e alguns escritos de Eusébio para o latim, dá uma versão que concorda estreitamente com o texto padrão, exceto a frase crucial sobre Jesus que ele diz: “se acreditava que ele era o Messias.”¹⁰

4. Outro problema com essa obra de Josefo é a respeito ao seu vocabulário e estilo. Ele usa algumas palavras que não são características sua. Por exemplo, a tradução do vocábulo “trabalhador” na frase “trabalhador de feitos incríveis” é ποιητής, a partir do qual se tem “poeta.” Etimologicamente, isso significa “aquele que faz” e por isso pode se referir a qualquer tipo de “executor.”

Tomando todos estes problemas em consideração, alguns estudiosos argumentam que a passagem inteira como está em Josefo é uma falsificação cristã. Os escribas cristãos que copiaram os escritos do historiador judeu achavam intolerante ele não dizer nada sobre Jesus, e assim emendaram o parágrafo. Alguns estudiosos têm sugerido que o próprio Eusébio foi o falsificador, já que ele foi o primeiro a reproduzir a passagem.

2. Tácito.

Tácito (56 d.C. – 120 d.C.), famoso historiador romano, 85 anos após a morte de Jesus em seu famoso “Anais” (Annuals), livro 15, capítulo 44, escrito por volta de 115 d.C., contém a primeira referência a Cristo como um homem executado na Judéia por Pôncio Pilatos.

Tácito menciona o incêndio provocado por Nero em Roma em 64 d.C. cita que o imperador atribuiu o incêndio “aos cristãos.”

Ele explica que os cristãos eram chamados assim por causa de “Christus” que sofreu a pena de morte no reinado de Tibério, por ordem do procurador Pôncio Pilatos. Os estudiosos apontam várias razões para se suspeitar de que este trecho não seja de Tácito nem de registros romanos, e sim uma inserção posterior na obra de Tácito.¹¹

Se Tácito escreveu este trecho no início do segundo século, por que os Pais das Igrejas, como Tertuliano, Clemente, Orígenes e até Eusébio, que tanto procuraram provas da historicidade de Jesus, não o citaram? Tácito só passa a ser citado por escritores cristãos a partir do século 15.

¹⁰ Of Illustrious Men 13.

¹¹ The Encyclopaedia Britannica, Vol XXVI, pag 336.

Na declaração abaixo de Tácito não há menção da ressurreição de Jesus.

Nero prendeu a culpa... em uma classe odiada por suas abominações, chamados de cristãos pela população. Christus, de quem o nome teve sua origem, sofreu a penalidade extrema durante o reinado de Tibério às mãos de... Pontius Pilatus, e uma superstição maligna, assim, marcada para o momento, quebrou novamente, não só na Judéia, a primeira fonte do mal, mas também em Roma...¹²

3. Plínio, o jovem.

Caio Plínio Cecílio Secundus (61 d.C-113 d.C), mais conhecido como Plínio, o Jovem era um advogado, escritor e magistrado da Roma Antiga. O tio de Plínio, Plínio, o Velho, ajudou a cria-lo e educa-lo. Em um ponto em sua carta, Plínio refere algumas das informações que ele aprendeu sobre esses cristãos:¹³

Na declaração abaixo de Plínio não há menção da ressurreição de Jesus.

Eles tinham o hábito de atender em um determinado dia fixo antes era leve, quando cantou em versos alternados um hino a Cristo, como a um deus, e amarraram-se por um juramento solene, não a quaisquer atos perversos, mas nunca para cometer qualquer fraude, roubo ou adultério, nunca falsificar sua palavra, nem negar uma relação de confiança quando eles devem ser chamados a entregar-se; após o que era seu costume de separar, e, em seguida, remontar a participar do alimento, mas alimentos de um tipo comum e inocente.¹⁴

4. Luciano.

Luciano de Samósata (125- 180 d.C) foi um retórico e satírico que escreveu na língua grega. Em uma de suas obras, ele escreveu sobre os primeiros cristãos como segue:¹⁵

¹² Tácito, Anais 15,44, citado em Strobel, *The Case for Christ*, 82.

¹³ The Encyclopaedia Britannica, Vol XXI, pag 844.

¹⁴ Plínio, Letras, trad. por William Melmoth, rev. por WML Hutchinson (Cambridge: Harvard University Press, 1935), vol. II, X: pag 96, citado em Habermas, *The Historical Jesus*, 199.

¹⁵ Cf. The Encyclopaedia Britannica, Vol XVII, pag 100.

Os cristãos... adoram um homem, personagem ilustre, que introduziu novos ritos, e foi crucificado por conta disso... [Ele] era impressionado com eles por seu legislador original que são todos irmãos, desde o momento em que eles são convertidos, e negaram os deuses da Grécia, e adoram o sábio crucificado e viveram depois de suas leis.¹⁶

5. Suetônio.

Caio Suetônio Tranquillus (69 – 122 d.C.) conhecido como Suetônio, foi historiador romano e escreveu durante o início da era imperial do Império Romano. Sua obra mais importante sobrevivente é um conjunto de biografias de doze sucessivos governantes romanos, de Julio César a Domiciano.¹⁷

90 anos após a morte de Jesus, no ano 120 d.C. em sua obra “A vida dos Imperadores” que conta a história de 11 imperadores quando fala sobre o imperador Cláudio (41 d.C. – 54 d.C.), ele diz que Cláudio expulsou de Roma os judeus porque viviam causando tumultos sob a influência de Cresto, mas nada se descreve sobre a tal ressurreição de Jesus.

“Ele permitiu que o povo de Ílio tivesse a isenção do tributo com o fundamento de que eles eram os fundadores da raça romana, lendo uma antiga carta do Senado e do povo de Roma escrito em grego ao rei Seleucus, em que prometeu-lhe sua amizade e aliança com a condição de que ele deveria manter os parentes de Ílio livre de qualquer encargo. Desde que os judeus constantemente faziam distúrbios por instigação de Cresto, expulsou os de Roma.”¹⁸

6. Filo de Alexandria.

Filo de Alexandria (15 a.C. – 50 d.C.) era um teólogo-filósofo judeu que falava grego. Ele conhecia bem Jerusalém porque sua família morava lá. Entretanto, Filo, um judeu que viveu na vizinha de Alexandria e que teria sido contemporâneo de Jesus, nunca mencionou uma tal ressurreição.¹⁹

¹⁶Cf. Lucian, *The Death of Peregrine*, 11-13, nas obras de Luciano de Samósata, trad. por HW Fowler e Fowler FG, 4 vols. (Oxford: Clarendon, 1949), vol. 4., citado em Habermas, *The Historical Jesus*, 206.

¹⁷phylum of Alexandria spoke about jesus.

¹⁸Cf. Alexander Thomson, *The Lives of the Twelve Caesars, to which are added his Lives of the Grammarians, Rhetoricians, and Poets*. pag196.

¹⁹Cf. The Encyclopaedia Britannica, Vol XI, pag 409.

7. Sêneca.

Lucius Annaeus Seneca (4 a.C. – 65 d.C.), conhecido mais como Sêneca um dos mais famosos autores romanos sobre ética, filosofia e moral e um cientista que registrou eclipses e terremotos, em nada mencionou sobre a ressurreição de Jesus.²⁰

8. Quintiliano.

Marcus Fabius Quintiliano (39 d.C. – 96 d.C.), conhecido como Quintiliano escritor da “*Institio Oratio*”, 12 livros sobre moral e virtude, o mesmo não fala nada da ressurreição de Jesus.²¹

9. Talmude.

Há apenas algumas referências claras a Jesus no Talmude babilônico, uma coleção de escritos rabínicos judaicos compilados cerca de 70-500 dC. Tendo em conta este período de tempo, é natural supor que referências anteriores a Jesus são mais propensas a ser historicamente confiável do que os posteriores. No caso de o Talmude, o primeiro período de compilação ocorreu entre 70-200. A referência mais importante para Jesus a partir deste período é:²²

“Na véspera da Páscoa Yeshu foi enforcado. Durante quarenta dias antes da execução ocorreu, um arauto... gritou: Ele está saindo para ser apedrejado porque praticou feitiçaria e seduziu Israel à apostasia.”²³

²⁰Cf. The Encyclopaedia Britannica, Vol XXIV, pag 637.

²¹ Cf. The Encyclopaedia Britannica, Vol XXII, pag 761.

²² Habermas, *o Jesus* histórico, 202-03.

²³ *O Talmud* babilônico, trad. por I. Epstein (Londres: Soncino, 1935), vol. III, Sinédrio 43a, 281, citado em Habermas, *The Historical Jesus*, 203.